

Revista
Brasileira de
**Linguística
Antropológica**

Volume 17 – 2025



UnB



e-ISSN: 2317-1375

Universidade de Brasília

Reitora

Rozana Reigota Naves

Vice-Reitor

Márcio Muniz de Farias

Decana de Pesquisa e Inovação

Renata Aquino

Diretora do Instituto de Letras

Gladys Quevedo Camargo

Vice-Diretora do Instituto de Letras

Flávia de Oliveira Maia Pires

Diretora do Laboratório de Línguas e Literaturas Indígenas (LALLI)

Ana Suelly Arruda Câmara Cabral

R454 Revista Brasileira de Linguística Antropológica / Ana Suelly Arruda Câmara Cabral, Editora – v. 17 (2025) – Brasília, DF: Laboratório de Línguas e Literaturas Indígenas, Instituto de Letras, Universidade de Brasília, 2025.

Anual

e-ISSN: 2317-1375

Publicação *on-line*: <https://periodicos.unb.br/index.php/ling/>

1. Linguística antropológica. 2. Línguas e culturas indígenas – Américas. 3. Linguística histórica. 4. Tipologia linguística. I. Cabral, Ana Suelly Arruda Câmara.

CDU 81'27

<https://periodicos.unb.br/index.php/ling/>

Laboratório de Línguas e Literaturas Indígenas (LALLI/IL-UnB)
Endereço: ICC Sul, sala BSS-234, Campus Universitário Darcy Ribeiro
CEP 70900-900, Brasília-DF, Brasil

“Tarefas da Linguística no Brasil” desde 1965: alguns desdobramentos em 2025

“Tasks of Linguistics in Brazil” since 1965:
some developments in 2025

Verli Petri¹

ORCID: 0000-0003-3132-3438

DOI: <https://doi.org/10.26512/rbla.v17i1.60995>

Recebido em outubro/2025 e aceito em novembro/2025.

Resumo

O presente artigo é proveniente de uma conferência realizada, de modo online, para homenagear o Prof. Aryon Dall’Igna Rodrigues por ocasião do centenário de seu nascimento. Sendo assim, foi mantido o tom memorial e, por vezes, subjetivo tal como foi preparado para a apresentação oral no VI Encontro Internacional sobre Línguas e Culturas Tupi (setembro de 2025), na Universidade de Brasília (UnB), sob a organização da equipe de pesquisadores do Laboratório de Línguas e Literaturas Indígenas da UnB. Este trabalho, inscrito na perspectiva discursiva, está subdividido em duas partes: a primeira dedicada ao relato das relações estabelecidas com o Prof. Aryon; e a segunda, que explora o texto, de autoria do homenageado, intitulado “Tarefas da Linguística no Brasil” (1966), explicitando os desdobramentos das reflexões do autor 60 anos depois. Os desdobramentos apontados indicam que o texto é bastante lido e que as tarefas da Linguística estão em desenvolvimento, muito embora ainda haja muito por fazer.

Palavras-chave: Aryon Dall’Igna Rodrigues; afeto; tarefas da linguística; linguística indígena; história da ciência linguística no Brasil.

Abstract

This article originates from an online conference held to honor Professor Aryon Dall’Igna Rodrigues on the centenary of his birth. Therefore, the memorial and, at times, subjective tone was maintained, just as it was prepared for the oral presentation at the VI International Meeting on Tupi Languages and Cultures (September 2025), at the University of Brasília (UnB), organized by the research team of the Laboratory of Indigenous Languages and Literatures at UnB. This work, framed within a discursive perspective, is subdivided into two parts: the first dedicated to reporting the relationships established with Professor Aryon; and the second, which explores the text, authored by the honoree, entitled “Tasks

¹ Doutora em Letras - UFRGS, Professora Titular - UFSM, Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq - PQ2, e-mail verli.petri72@gmail.com

of Linguistics in Brazil” (1966), explaining the developments of the author’s reflections 60 years later. The developments indicated suggest that the text is widely read and that the tasks of Linguistics are under development, although much remains to be done.

Keywords: Aryon Dall’Igna Rodrigues; affection. tasks of linguistics; indigenous linguistics; history of linguistic science in Brazil.

Este artigo foi produzido para uma apresentação oral² em homenagem ao centenário de nascimento do saudoso Professor Aryon Dall’Igna Rodrigues³. Para a referida apresentação, preparei dois momentos: um primeiro momento foi reservado a um relato pessoal de minha experiência com o Prof. Aryon, o qual está ilustrado com fotos; e num segundo momento, então, apresento um gesto de leitura possível para o texto “Tarefas da Linguística no Brasil”, publicado em 1966, já anunciado no título deste artigo como mote da reflexão.

A vida acadêmica é feita também de afetos. Em Costa, Medeiros e Petri (2022:39), dissemos que “por meio do afeto é possível fazer uma coisa tornar-se outra”, já que pelo afeto se potencializa o índice de admiração e reconhecimento. A parte da minha história pessoal que é dedicada ao Prof. Aryon é plena de afetos. E é nesse sentimento, hoje pleno em saudades, que busco inspiração para homenageá-lo.

Para tanto, fui resgatar na memória os principais momentos com ele, o que remonta ao século passado, início dos anos 1990. Ainda aluna da graduação em Letras (na UFSM), conheci seu nome e sua produção como linguista da maior importância ao lado de nomes como o de Mattoso Câmara Junior. Ali já me impressionava bastante sua dedicação às línguas indígenas brasileiras, tão pouco conhecidas e quase inexploradas nas aulas de Linguística.

Num segundo momento, já como professora da UFSM, o nome do Prof. Aryon aparece em conversa com a Professora Amanda Scherer que também é grande admiradora dele, para um convite para Santa Maria. Foi assim que aconteceu, em 2007, o Prof. Aryon deslocou-se ao sul do Brasil para estar conosco no Laboratório Corpus, como podemos conferir na montagem fotográfica publicada inicialmente na Revista *Fragmentum* (Scherer et al. 2016:323)⁴:

² Texto apresentado no VI Encontro Internacional sobre Línguas e Culturas Tupi, que ocorreu de 15 a 17 de setembro de 2025 na Universidade de Brasília (UnB). O evento foi organizado pelo Laboratório de Línguas e Literaturas Indígenas da UnB.

³ Agradeço muitíssimo a Professora Ana Suelly Arruda Câmara Cabral pela lembrança do meu nome para essa linda homenagem.

⁴ Fotografias feitas por ocasião da entrevista concedida pelo Prof. Aryon ao grupo de

Figura 1 – Montagem fotográfica



Fonte: Scherer et al. (2016:323).

Nesse período fui professora de Linguística na graduação e levava para as aulas o artigo “Tarefas da Linguística no Brasil”, o que fazia com que o Prof. Aryon estivesse por perto, nos ensinando que estar num lugar de fundação de um campo disciplinar, dito como brasileiro, é comprometer-se com a história, com o presente e com o devir.

O terceiro momento foi muito lindo. Fui a Brasília conhecer o Laboratório de Línguas e Literaturas Indígenas (LALLI): estar com o Prof. Aryon e com a Profa. Ana Suelly no Laboratório foi fantástico. Tivemos uma animada conversa, que não chamo de entrevista porque foi muito descontraída, mas gravamos em vídeo e em áudio, apresento fotos desse encontro.

Figura 2 – Professor Aryon, no LALLI, em março de 2013



Fonte: Arquivo pessoal (2013).

pesquisadores do Laboratório Corpus, capitaneado na época pelas Professoras: Amanda Scherer (UFSM), Graziela de Angelo (UFSM) e Verli Petri (UFSM). A entrevista está disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/fragmentum/article/view/23405/13798>. Acesso em: 24 out. 2025.

Figura 3 – Professora Verli e Professor Aryon, no LALLI, em março de 2013



Fonte: Arquivo pessoal (2013).

Figura 4 – Professora Verli, Professor Aryon e Professora Ana Suely, no LALLI, em março de 2013



Fonte: Arquivo pessoal (2013).

Nessa conversa, em áudio e vídeo⁵, ainda inédita, tivemos momentos de descontração e de assuntos sérios. Transcrevo um breve segmento da nossa conversa, na qual o Prof. Aryon reafirma sua maior preocupação:

[...] é preciso estimular outros pesquisadores, tem muito a fazer. Estão matando os índios! Hoje em dia, continuam matando... O grande problema é esse: vão lá para tomar as terras e matam os

⁵ Agradeço muitíssimo aos amigos João Pinheiro e Denise de Oliveira Alves (UFG – Campus Goiás) por me acompanharem nessa visita (moravam em Brasília à época) e por realizarem a gravação e as fotografias.

índios. Um dos argumentos que temos para defender uma área indígena é a língua também. Esses senhores de terras pagam capangas para eliminarem os homens, eliminando os homens acabam as línguas⁶.

E o Professor Aryon denuncia: “nos últimos governos atenua-se um pouco, mas ainda estamos vivendo o extermínio de povos indígenas”⁷.

Essa conversa me impactou bastante, foi um lindo encontro em março de 2013, na ocasião fiz a ele o convite para participar de um evento emocionante que realizamos em Santa Maria, em setembro de 2014, ao qual aceitou animadamente. Foi uma Exposição em homenagem a Neusa Martins Carson⁸, aluna, colega e amiga do Prof. Aryon. Neusa foi estudiosa do Macuxi, em Roraima, faleceu muito jovem, mas é muito reconhecida pelo trabalho que desenvolveu. Infelizmente, o Prof. Aryon já não pôde participar.

Ainda consternadas com a partida do Prof. Aryon, trabalhei, em conjunto com a Profa. Ana Suely, em 2014 e 2015, para a publicação de um número da Coleção *Fragmentum* em sua homenagem, que está disponível para consulta no site da UFSM⁹.

Figura 5 – Print do site da *Fragmentum*



Fonte: <https://periodicos.ufsm.br/fragmentum/issue/view/1053>.

⁶ Este trecho é a transcrição de uma parte de uma conversa gravada em áudio e vídeo, em 2013, não foi publicada.

⁷ Este fragmento é a transcrição de uma parte de uma conversa gravada em áudio e vídeo, em 2013, não foi publicada.

⁸ Para saber mais, recomendamos a consulta ao catálogo disponível no site do Fundo Documental Neusa Carson (<https://cdmufsm.com.br/timelines/fundo-documental-neusa-carson/>) e do Centro de Documentação e Memória da UFSM, no endereço: <https://www.calameo.com/read/00207900385164ce275fa>.

⁹ Disponível em <https://periodicos.ufsm.br/fragmentum/>.

Emocionada, estou compartilhando um pouco da relação de respeito e amizade que construí com o Prof. Aryon em seus últimos anos de vida, relações que não se encerram com a interrupção da sua vida terrena, pois ele permanece em nós com seus ensinamentos. Finalizo então a primeira parte desta homenagem e passo para a segunda “tarefa” a que me propus: falar sobre o texto “Tarefas da Linguística no Brasil”: com foco especial em alguns de seus desdobramentos.

Para tanto, trago citações inspiradoras, conforme segue:

Que estranho destino esse das ideias, e como parecem às vezes viver pela sua própria vida, revelando ou desmentindo ou recriando a figura de seu criador (Benveniste 1995:48).

Se damos à figura de Aryon Rodrigues a devida importância que lhe cabe, não o fazemos apenas como devedores das suas realizações acadêmicas e institucionais, mas como reconhecedores de que seu nome exerce a função de impor unidade aos nós dispersos de uma área dos estudos da linguagem (Baalbaki, Andrade e Andrade 2016:574).

Inspirada pela leitura do Capítulo III da obra de Émile Benveniste, “Problemas de Linguística Geral I”, intitulado “Saussure após meio século”, me proponho a ler o texto de Aryon Dall’Igna Rodrigues, intitulado “Tarefas da Linguística no Brasil”, 60 anos após sua elaboração. Sou reconhecidora do papel fundador do Prof. Aryon. O texto de Benveniste, ao qual me refiro para iniciar essa fala, foi resultado de uma conferência feita na Universidade de Genebra em fevereiro de 1963, em comemoração aos 50 anos da morte de Saussure. Posteriormente, foi publicado no *Cahiers Ferdinand de Saussure*, n. 20, ainda no mesmo ano.

Benveniste, leitor de Saussure, nesse texto, especialmente, dá a ele o mérito da produção do conhecimento sobre a língua, o que não havia sido organizado, modernamente falando, até o início do século XX. Benveniste nos diz: “há em todo o criador uma certa exigência, escondida, permanente, que o sustenta e o devora, que lhe seguia os pensamentos, lhe designa a sua tarefa, estimula-o nas suas fraquezas e não lhe dá trégua quando tenta escapar-lhe” (1995:35). Essa afirmação era dirigida a Saussure e, agora, parafraseando Benveniste, a dirijo também ao Prof. Aryon.

Aqui estamos nós, no início do século XXI, celebrando os 100 anos de nascimento de Aryon Dall’Igna Rodrigues, celebrando a honra de ter vivido no mesmo tempo histórico, de ter estado com ele, de ter aprendido tanto com ele. E para resgatar uma palavra da citação acima: “tarefa”, também tinha consciência da “sua tarefa”. Propomos uma reflexão, ainda que breve, sobre a proposta do Prof. Aryon de descrever as tarefas da Linguística no

Brasil, em um momento histórico em que se conhecia e se lia Saussure em francês, posto que a tradução brasileira do “Curso de Linguística Geral” foi publicada em meados dos anos 1970. Importa destacar que, já no livro mais conhecido e atribuído a Saussure, apareceu a tarefa da Linguística, desmembrada em três objetivos:

- a) fazer a descrição e a história de todas as línguas que puder abranger, o que quer dizer: fazer a história das famílias de línguas e reconstituir na medida do possível, as línguas-mães de cada família;
- b) procurar as forças que estão em jogo, de modo permanente e universal, em todas as línguas e deduzir as leis gerais às quais se possam referir todos os fenômenos peculiares da história;
- c) delimitar-se e definir-se a si própria (CLG/Saussure 1995:13).

Ainda perseguimos a tarefa proposta no CLG, pois a Linguística Indígena vai buscar “todas as línguas que puder abranger”. O trabalho do Prof. Aryon no esforço de propor as tarefas da Linguística no Brasil representa a tomada de posição desse linguista que assume o papel de institucionalizar essa Ciência e, depois, essa disciplina no Brasil. Aryon Dall’Igna Rodrigues foi um precursor, viveu uma vida longa de dedicação à Linguística, sobretudo ao que tange às línguas indígenas.

Ainda sobre a relevância da palavra “tarefa” presente em Saussure, Benveniste e Aryon, trago mais uma citação de Benveniste: “deixemos de acreditar que se apreende na língua um objeto simples, que existe por si mesmo, e é suscetível de uma apreensão total. A primeira tarefa consiste em mostrar ao linguista ‘o que ele faz’, a que operações preliminares se entrega inconscientemente quando aborda os dados linguísticos” (1995:41). Essa citação aponta para o fato de que Benveniste e Aryon, contemporâneos, cronologicamente falando, separados espacialmente por um oceano, filiados a diferentes correntes teóricas da Linguística, têm o interesse comum na língua, preocupam-se com a descrição das tarefas do linguista. Uma demanda historicamente demarcada, mas que ressoa em nós. Mais adiante Benveniste comenta: “a imensidade da tarefa que devia ser cumprida, o caráter radical da reforma necessária podiam fazê-lo hesitar, às vezes desencorajá-lo” (1995:42), mas isso não acontece, as tarefas da Linguística nos desafiam e vamos levando adiante as demandas postas pelos linguistas que vieram antes, que iluminam nossos caminhos, pois suas questões vão sendo reinventadas e reverberam em nós.

O Prof. Aryon é uma presença em nós. Para mim, é uma honra ser parte de tudo isso e de viver esse momento histórico, quero fazer referência também à honra de poder falar do Prof. Aryon como uma estudiosa da

linguagem, filiada à Análise de Discurso em suas relações com a História das Ideias Linguísticas; de poder falar do Prof. Aryon desde Santa Maria da Boca do Monte, do interior do Rio Grande do Sul, da Universidade que se orgulha de ter tido a Professora Neusa Martins Carson como estudiosa das línguas indígenas, especialmente dedicada ao Macuxi, uma discípula direta e, depois, colega muito respeitada pelo homenageado. Atualmente, temos um Fundo Documental dedicado à Neusa Carson (FDNC) no Centro de Documentação e Memória da UFSM, aberto para pesquisadores do mundo inteiro (trago um pouquinho sobre a Neusa).

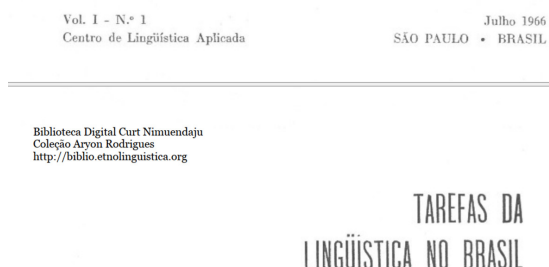
Figura 6 – Print do site do FDNC



Fonte: <https://cdmufsm.com.br/timelines/fundo-documental-neusa-carson/>.

Ao trazer Saussure e Benveniste para cumprir essa tríade com o nosso Professor Aryon, dou a ele um lugar de direito por suas preocupações com as tarefas da Linguística, especialmente no Brasil. Para mim, a melhor forma de homenagear um autor é ler seus textos, entendendo que a leitura é uma prática social da maior importância. Ao lecionar a disciplina de Linguística para a graduação em Letras da UFSM, sempre gostei de levar o texto “Tarefas da Linguística no Brasil”, de Aryon Dall’Igna Rodrigues, publicado em 1966, na *Estudos Linguísticos*, Revista Brasileira de Linguística Teórica e Aplicada. O texto está disponível na web. Um artigo digno de ser registrado para a posteridade.

Figura 7 – Print da página inicial do texto em tela



Fonte: <http://www.etnolinguistica.org/biblio:rodrigues-1966-tarefas>.

A Professora Daniela Grannier historiciza o texto, explicitando as condições de sua produção, conforme segue:

Foi num desses eventos, no I Seminário de Orientação Linguística para Professores do Ensino Médio e Universitário, que Aryon proferiu, em meados de 1965, a conferência “O linguista de campo: sua formação e tarefas”. A conferência foi gravada e transcrita por Geraldo Cintra e essa transcrição serviu de base para que Aryon redigisse o artigo Tarefas da Linguística no Brasil, publicado no ano seguinte no primeiro número de Estudos Linguísticos. Segundo numerosos depoimentos, o texto teve grande repercussão entre estudantes e pesquisadores das diversas áreas da Linguística e do ensino de línguas (Grannier 2014:485-486).

A data de produção desse texto então é 1965, completando 60 anos de circulação e funcionamento em 2025. Para mim, ele ainda é muito importante e trabalhar esse texto com estudantes que estão iniciando seus estudos na Ciência Linguística é dar a eles elementos históricos do estado da arte em um tempo em que não havia internet e que havia muita dificuldade de acesso a textos dos precursores e dos pares. Em uma rápida pesquisa, identifiquei dezenas de artigos e capítulos de livros que discutem esse texto do Prof. Aryon, publicados nestes 25 anos de século XXI, não vou trazê-los aqui, mas, certamente, valeria a pena enumerar, ao menos alguns, porque são índices da importância do texto para a comunidade linguística brasileira no tempo presente.

Certamente, ao longo dos séculos, temos assistido ao surgimento de diferentes paradigmas na área da Linguística, mas compreendemos que a produção do conhecimento se dá num “continuum” (Cf. George Canguilhem; Louis Althusser; Allan Badiou; Michel Pêcheux). Para pensar nas tarefas da Linguística no Brasil hoje, faz-se necessário recorrer ao que se tem historicamente determinado como tarefas da Linguística em outros momentos sócio-históricos, no Brasil e em outros espaços de produção científica, como Genebra, na Suíça, Ferdinand de Saussure, ou na França, como é o caso do já citado Émile Benveniste. Essas relações vão estabelecendo redes de produção do conhecimento e nos dando elementos para a compreensão do que o Prof. Aryon propôs nos anos 1960 e o que podemos observar em nossa contemporaneidade.

Com o interesse de seguir lendo o que ensinou o Prof. Aryon, proponho que revisitemos a introdução do referido artigo:

A finalidade deste artigo é pôr em evidência vários problemas de natureza linguística que devem ser abordados no Brasil,

mais cedo ou mais tarde, individual ou coletivamente, com intenções teóricas ou práticas. Para tanto, é conveniente distinguir primeiramente, entre o que podemos chamar de lingüística pura e lingüística aplicada. Estas designações são paralelas às que ocorrem em muitas disciplinas, por exemplo física pura e física aplicada. A lingüística pura é propriamente a ciência da linguagem; a investigação destinada a adquirir e ampliar o conhecimento a respeito das línguas e da linguagem, ao passo que podemos chamar de lingüística aplicada todo trabalho de aplicação daqueles conhecimentos à resolução de problemas práticos ou de problemas de outras ciências. Quem faz lingüística pura faz lingüística em si e por si, para descobrir como são as línguas, qual a natureza de cada idioma em particular, quais as características gerais das línguas e do fenômeno da linguagem. Quem faz lingüística aplicada faz uso desses conhecimentos em atividades práticas como o ensino de línguas, a resolução de problemas de tradução automática ou de alfabetização, a análise de estilos literários e de documentos arcaicos, etc. (Rodrigues 1966:4).

Na introdução do texto, não há menção à tarefa urgente (à época e agora também) de descrição das línguas indígenas, Aryon foi político e diplomático para trazer esse tema para o centro dos estudos linguísticos. É no desenvolvimento da proposição que a Linguística Indígena vai aparecer, nos levando à compreensão de que nesse texto, constitutivo da fundação de uma Linguística brasileira, se estabelece uma ligação muito forte com a importância dos estudos das línguas indígenas. É um chamamento para os estudiosos da linguagem, os quais estavam ainda se organizando para produzir conhecimento com base em uma dita ciência da linguagem moderna, para que atentassem para a riqueza linguística e cultural que o Brasil abriga, produzindo talvez aí o início de um movimento de contracolonização, noção que está presente em nossos debates sobre línguas e culturas na atualidade.

O texto vai ser subdividido e numerado. 1 para a lingüística pura e 2 para a lingüística aplicada. O subitem 1.1, “Investigação das línguas indígenas”, é o que vai nos interessar aqui, não é uma escolha aleatória, ela é determinante de todo o texto, sobretudo, porque o Prof. Aryon faz questão de assinalar o lugar prioritário do estudo das línguas indígenas, conforme segue:

Das tarefas de lingüística pura que podemos entrever no Brasil e que reclamam a dedicação de especialistas com boa formação científica, devemos pôr em primeiro lugar a investigação das línguas indígenas. Os povos índios do Brasil ainda falam entre

100 e 150 idiomas indígenas. Estes, até há dez anos atrás, eram praticamente todos ignorados para a ciência. Em geral, tinha-se conhecimento apenas de sua existência — de muitos, nem mesmo isso — por informações em regra extremamente superficiais (Rodrigues 1966:4).

Não podemos deixar de notar que o autor indica o grande avanço da ciência linguística em 10 anos de trabalho, pois se passa de quase zero a um levantamento que fica entre 100 e 150 línguas indígenas identificadas. Mas isso é pouco, a urgência em estudá-las se coloca a ele como premente. Hoje temos os números do IBGE, citados pela Professora Eni Orlandi, de que seriam 274 línguas indígenas no Brasil da atualidade, mas há controvérsias, posto que a metodologia de pesquisa do IBGE vai diferir das pesquisas linguísticas. Ainda que haja divergência entre os números de diferentes trabalhos, a oscilação observada se coloca entre 150 e aproximadamente 200 línguas indígenas hoje. Independente da corrente de pesquisa que formos seguir ou adotar, o fato que se coloca é que os estudos já apontam um número maior de línguas identificadas e temos pelo menos 30% delas com algum estudo, umas mais gramatizadas que outras, mas com estudos em andamento. Em meu entendimento, esses fatos já implicam desdobramentos da tarefas da Linguística tão bem enumerada como número 1, em 1965-1966, pelo Prof. Aryon.

E o autor segue justificando sua opção em apresentar essa tarefa como a primeira, a primordial e de importantíssima função, em sua urgência. Das justificativas, chama bastante a atenção quando ele diz: “a investigação dessas línguas é uma das tarefas primeiras para quem se quer dedicar à linguística desinteressada no Brasil” (Rodrigues 1966:5). O que seria essa linguística desinteressada nos anos 1960? Para tentar responder a essa pergunta que me faço ao ler o texto, trago a trajetória de pesquisas de Neusa Martins Carson, colega já mencionada. A linguista, professora da UFSM, que viveu nessa época, desde 1968, enfrentou todos os tipos de dificuldades para realizar suas pesquisas sobre a língua Macuxi, em Roraima. Destaco, especialmente, a escassez de recursos e financiamentos, a ausência da compreensão institucional sobre a importância do que ela fazia (há documentos que comprovam a incompreensão de seu departamento diante das solicitações de afastamento para pesquisas de campo) e a logística (como sair do interior do Rio Grande do Sul para estar em Roraima, quase sem estradas, sem aviões, sem nada). Somente alguém com desprendimento e objetivos de vida muito claros poderia filiar-se a essa “linguística desinteressada”. Sim, essa é uma proposta de interpretação muito particular, certamente podem haver outros elementos que compõem o que o Prof. Aryon chamou de linguística desinteressada.

Ainda lutamos por recursos para a pesquisa de campo, mas já temos mais meios de lutar, graças a pessoas como o Prof. Aryon, estamos institucionalizados por meio de associações, como é o caso da Associação Brasileira de Linguística – ABRALIN (1969), fundada por ele, que foi o primeiro presidente, bem como a fundação de agências de fomento, como é o caso do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq (década de 1950) e da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES (década de 1950), além das agências estaduais. Esse já é mais um desdobramento interessante e que destaco como resultado de luta dos que vieram antes de nós.

O Autor finaliza a descrição dessa proposta de tarefas da linguística indicando-a como “a maior tarefa”. Vejamos:

As línguas indígenas constituem, pois, um dos pontos para os quais os lingüistas brasileiros deverão voltar a sua atenção. Tem-se aí, sem dúvida, a maior tarefa da lingüística no Brasil. Se é lícito falar em responsabilidade de uma comunidade com respeito à investigação científica na região em que vive essa comunidade, então os lingüistas brasileiros têm aí uma responsabilidade enorme, que é não deixar que se percam para sempre cento e tantos documentos sobre a linguagem humana. E é esta não só a tarefa de maior responsabilidade, senão também a de maior dificuldade. Para dar conta dela não há apenas dificuldade de conseguir pessoal bem treinado em número suficiente para investigar tantas línguas em pouco tempo, mas é necessário encontrar os meios para que esse pessoal tenha acesso a essas línguas, o que implica, na maioria dos casos, em ter lingüistas preparados para ir trabalhar no interior do Pará e do Amazonas, nos territórios de Rio Branco, Rondônia e Roraima, enfrentando todos os problemas práticos e difíceis de estada em regiões extremamente afastadas, de poucos recursos e de transporte muito deficiente (Rodrigues 1966:5-6).

A lucidez do Prof. Aryon é algo a se destacar, ele conseguiu vislumbrar qual era a maior tarefa, mas conseguiu identificar também onde residiam as dificuldades, num Brasil com vasta extensão territorial e tanta desigualdade social, além da escassez de recursos para a pesquisa e o quanto a Linguística estava como iniciante nesse cenário. Em meu entendimento, a fundação do LALLI da UnB, ainda no final do século XX, é um marco institucional no Programa de Pós-Graduação em Linguística, passando a ser um espaço de formação de pesquisadores especializados, o que tão bem destacou o Prof. Aryon como uma necessidade premente. Considero, então, essa fundação

como mais um desdobramento que já tivemos para que melhor se cumpram as tarefas da Linguística no Brasil.

Enfim, já encaminhando para minhas reflexões finais, quero salientar que pelo menos uma geração inteira encontrou estímulos profícuos nesse texto que descreveu as tarefas da Linguística, isso se dava na ordem das escolhas pessoais e institucionais, o que, certamente, impactou nos rumos da promoção de uma política de pesquisa linguística para o país. A perenidade desse texto, dos ensinamentos do Prof. Aryon é que nos une em sua homenagem. É preciso dizer ainda: muito obrigada, professor! Seguiremos estudando!

Como disse no início, meu lugar de fala destoa um pouco dos demais linguistas convidados¹⁰, mas me considero uma fã, uma amiga e uma leitora atenta. Agora que ele não está mais entre nós em presença física, resta-me a saudade e a possibilidade de sempre recorrer aos seus textos e aprender mais e mais com seus ensinamentos. De fato, acredito que ele pode ver muitas tarefas da linguística sendo realizadas, ele formou muitos linguistas para isso e influenciou tantos outros. É um exemplo de linguista que tomou uma posição de sujeito política e que batalhou por aquilo que acreditava, nunca desanimou, seguiu trabalhando até o final. O que nos confirma Daniela Grannier quando nos conta que:

Figura 8 – Print do artigo de Grannier

Mesmo doente e com dificuldade para ler, no dia 3 de novembro de 2013, testando a visualização de um novo projeto na tela, Aryon digitou no meu computador as últimas palavras que escreveu:

NOMES DE PLANTAS

Abiú -

Abiú-rána

Abiú-rána branca

Fonte: Grannier (2014:502).

O Prof. Aryon era tão generoso que ele mesmo me autoriza a dizer o que digo... E vou finalizar com suas próprias palavras: “eu sou... não sou professor preso num lugar não (risos). Eu sou professor de vários...! Alguns tendem a ver isso como um defeito (risos). Mas a questão é ir desenvolvendo

¹⁰ Refiro-me aos convidados presentes no VI Encontro Internacional sobre Línguas e Culturas Tupi, que ocorreu de 15 a 17 de setembro de 2025 na UnB.

a coisa onde ela pode ser desenvolvida e não ficar amarrado onde não dá, onde não tem jeito!” (Scherer et al. 2016:324).

Referências

- Baalbaki, Ângela, Luiz Felipe Andrade, e Thiago de Souza Andrade. 2016. Institucionalização e disciplinarização da Linguística (Indígena) brasileira: a contribuição de Aryon Rodrigues. *Revista Palimpsesto* (23), 571-91.
- Benveniste, Émile. 1995. Saussure após meio século. In Émile Benveniste, *Problemas de Linguística Geral I* (pp. 34-49). Campinas: Pontes Editores, Editora da UNICAMP.
- Costa, Thaís de Araújo da, Vanise Medeiros, e Verli Petri. 2022. Afeto: uma tentativa de circunscrever os sentidos de uma palavra do dicionário e para além dele. In Atilio Catosso Salles, Fernanda Luzia Lunkes, e Luiza Castello Branco (Orgs.), *Afeto(s) e(m) discurso: movimentos dos sujeitos e dos sentidos na história* (Vol. 1, pp. 15-42). São Carlos: Pedro & João Editores.
- Grannier, Daniele Marcelle. 2014. A criação do espaço institucional da linguística e dos estudos das línguas indígenas no Brasil. *Revista D.E.L.T.A.* (30 especial), 479-502.
- Rodrigues, Aryon Dall’Igna. 1966. Tarefas da Linguística no Brasil. *Estudos Linguísticos - Revista Brasileira de Linguística Teórica e Aplicada* 1(1), 4-16.
- Saussure, Ferdinand de. 1995. Matéria e tarefa da Linguística: suas relações com as ciências conexas. In Ferdinand de Saussure, *Curso de Linguística Geral* (pp. 13-14). São Paulo: Cultrix.
- Scherer, Amanda, Graziela de Angelo, Juciele Dias, e Verli Petri. 2016. Histórias e memórias de um linguista... Aryon Dall’Igna Rodrigues: na e sobre a constituição da linguística no Brasil. *Fragmentum* (46), 323-36. <https://periodicos.ufsm.br/fragmentum/article/view/23405/13>